

De volta ao futuro da língua portuguesa.
Atas do V UIO GNR/ Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
Simpósio 6 - Etimologia e linguística histórica da língua portuguesa, 73-86
ISBN 978-88-8305-127-2
DOI 10.1285/i9788883051272p73
<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

A HISTÓRIA DA VARIAÇÃO DO COMPLEMENTO INFINITIVO EM PORTUGUÊS

Maria Auxiliadora da Fonseca LEAL¹

RESUMO

Trabalho de natureza sincrônica e diacrônica que descreve e analisa a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] em cinco períodos da língua portuguesa, a saber, português arcaico, português clássico, português setecentista, português oitocentista e português moderno contemporâneo. Mediante a recolha de dados dos cinco períodos analisados identificou-se os fatores internos da *adjacência/não adjacência*, *classe de verbos*, *tempo verbal*, *modo verbal* e *pessoa gramatical* que estão imbricados na relação da complementação infinitiva portuguesa.

Metodologicamente partiu-se do presente para o passado, retornando depois ao presente à maneira de Labov (1972c) e utilizando para a análise quantitativa dos dados o Programa “WordSmith Tools”.

Sincronicamente descreveu-se o complemento infinitivo variável [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] e seus fatores condicionantes em cada sincronia analisada. Verificou-se que o fenômeno ocorre em todas as fases da língua portuguesa, sendo mais recorrente na fase arcaica. Uma das razões aventadas para essa alta ocorrência é o elevado índice de elementos ruptores que aí se apresentam.

Diacronicamente verificou-se que o fenômeno é estável, e ao longo da história do português está condicionado por um contexto estrutural específico *adjacência/não adjacência*, bem como por uma determinada classe de verbos, aqui rotulados de verbos *transitivo-modais*. Observou-se, também, que o número de verbos regentes, assim como as estruturas infinitivas preposicionadas decrescem com passar do tempo, mas não desaparecem.

PALAVRAS-CHAVE: complemento infinitivo; diacronia; variação.

No presente trabalho, analisamos as construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] como complemento de sintagmas verbais ilustradas em:

(1-a) “Ela *evita de comer* à noite”;

(1-b) “Nós *evitamos falar* sobre política.”

¹ UFMG/Faculdade de Letras. Rua rio pomba, 882, CEP 30720-290, Carlos Prates, Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil.dorale230@yahoo.com.br

As estruturas listadas em (1) ocorrem em todas as fases da língua portuguesa, mais frequente ou menos frequente conforme o período observado. São variáveis que podem evidenciar ou um fenômeno de mudança linguística ou um fenômeno de retenção.

Os dados destacados ilustram um fenômeno de variação no português hodierno. O termo *variação*, segundo Tarallo (1986, p.8), remete à “teoria da variação que assume a heterogeneidade e o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo. Já *variantes* são “conjunto de formas linguísticas que compõem uma variável; podem ser *padrão*, *não padrão*, *conservadora*, *inovadora*, *estigmatizada* e de *prestígio*”. Em outras palavras, as várias maneiras de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade². A *variável*, por sua vez, é o conjunto de variantes.

Observamos os fatores que condicionam essa variação, a fim de comprovar ou não o status dela na língua, inclusive pelo fato de algumas variáveis representarem estágios no movimento de um estado linguístico para outro.

É o que admitem (WLH 1968:188), em seu terceiro postulado para a teoria da mudança linguística, quando afirmam: “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”.

O “princípio uniformitário” adotado por Labov (1995) e ainda mantido no variacionismo prediz: “as forças que atuaram para produzir o documento antigo são as mesmas que atuam na língua atual”, permitindo assim o movimento presente – passado.

Iniciamos nossa análise partindo de fatos/dados do presente para entrever o passado e interpretando dados históricos do passado para entender/interpretar o presente. Postulamos, conforme o “princípio uniformitário”, que a comparação entre presente e passado (seguindo inclusive, a perspectiva neogramática) contempla o fato de que todos os tipos de mudança linguística existiriam e ocorreriam em todas as fases da história das línguas.

Os períodos da língua examinados são: o português moderno contemporâneo (PMC), o português oitocentista (PO), o português setecentista (PSE), o português clássico (PCL) da segunda metade do século XVI e século XVII, e por fim, o português arcaico (PA) qual seja, os textos escritos em português, até a primeira metade do século XVI.

² O termo *verdade* aqui corresponde a mesmo significado.

Os fatores condicionadores, isto é, o conjunto total de possíveis fenômenos que determinam a ocorrência de variantes na sistematização ou não da mudança variam e mudam constantemente. De acordo com (Milroy, 1992:123), “os dados/informações de variabilidade são construídos a partir do princípio de que a língua é variável todo o tempo”.

Sincronicamente investigamos os complementos infinitivos ligados aos verbos ocorridos nos corpora, objetivando caracterizá-los ou não como complemento objetivo infinitivo preposicionado, segundo os fatores que condicionam sua ocorrência.

Diacronicamente comparamos a variação da complementação e os tipos de verbos presentes, nos vários períodos sondados, como possíveis indicadores de “processos de mudança”, “variação estável”, ou “fenômeno de manutenção”.

O suporte teórico segue o modelo da Teoria da Variação, de base tipicamente laboviana, que prevê a correlação de variáveis a fenômenos de variação linguística, no que diz respeito: 1) ao “encaixamento”, isto é, como uma determinada mudança se encaixa no nível estrutural e social; 2) à “transição” que permite identificar as fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem, diminuindo gradualmente a ocorrência de uma e aumentando a ocorrência de outra.

Para a análise quantitativa foi usada a proposta “teórico-metodológica” da Linguística de Corpus, através da utilização das ferramentas computacionais denominadas “Concord” e “Tags” do Programa “WordSmith Tools”.

Os corpora

Português Moderno Contemporâneo: (PMC)

(2a) “Dever-se-á *evitar de levar* comidas e/ou bebidas para as salas de correção”.

(2b) “O povo *evita escolher* candidatos sem formação como governantes”
(Vestibular UFMG, 2002).

A construção (2a) registra o verbo *evitar* que tem como complemento [de+infinitivo]. Diferentemente da estrutura (2b) que assinala o verbo ligado ao complemento através de [Ø+ infinitivo].

Conforme Houaiss, *evitar* pode ser transitivo direto e bitransitivo, apresentando as acepções “escapar-se de, esquivar-se de, não permitir, poupar”, etc. Este verbo

também apresenta variação do complemento infinitivo, com e sem a preposição *de*, sem que essa presença/ ausência interfira no seu significado.

Português Oitocentista

(3a) “... a soberba cavaleira, de uma formosura invejável na Circássia, *devia de ser* a esposa raptada de algum grão-vizir; ...” (*Amor de Salvação*, Camilo Castelo Branco: 20).

(3b) “...e demonstre que o romance filosófico *deve ser* assim alinhavado ...” (*Amor de Salvação*, Camilo Castelo Branco: 24).

Também no *corpus* do português oitocentista ocorre a variação do complemento [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo]. Nas obras dos escritores desse período é corrente a referida variação, principalmente, junto a verbos como *dever e precisar*, sem que a presença/ausência da preposição, nestes contextos, modifique o significado dos verbos.

Português Setecentista

(4a) “.... e chorosos olhos em Natália e depois levantando-os ao Céu, *prometeu de propor* estes desejos” (*Novelistas e Contistas Portugueses*, Manuel Bernardes: 270).

(4b) “... dar satisfação à parte ofendida e alívio à sua consciência gravada, *prometeu pagar* o que se lhe demandava. O raro amor...” (*Novelistas e Contistas Portugueses*, Manuel Bernardes: 274).

Português Clássico

(5a) “...afeiçoada ao gesto belo e tenro, *deseja de comprar-vos* para genro” (*Lusíadas*, Camões, I-16).

(5b) “E mais lhe diz também que **ver deseja**” (*Lusíadas*, Camões, I-63).

Português Arcaico

(6a) “...suptamente *começaron de ouvir* trovões...” (*Narrativas dos Livros de Linhagens*, José Mattoso: 80).

(6b) “...E começou rei Ramiro entom seu corno tanger, e *começou chamar* sua gente pelo corno que lhe acorressem...” (*Narrativas dos Livros de Linhagens*, José Mattoso: 58).

Os fenômenos lingüísticos variáveis sob análise são registrados em todas as fases da língua portuguesa. Deve-se dar destaque ao fato, já comprovado, de que a língua é variável em todos os seus períodos.

Análise dos dados

TABELA 1 - Percentual do total geral de ocorrências das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] nos cinco períodos analisados

Período	[de+inf.]	%	[Ø+inf.]	%	Total
PA	1705	49,6 %	1730	50,4 %	3435
PCL	197	35,9 %	352	64,1 %	549
PSE	73	13 %	491	87 %	564
PO	197	16,7 %	979	83,3 %	1176
PMC	267	16,5 %	1351	83,5 %	1618
Total	2. 439	33,3%	4. 903	66,7 %	7. 342

Os resultados expressos na TAB. 1 indicam a porcentagem do total geral de ocorrências das construções [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] presentes nas cinco fases da língua portuguesa.

Diacronicamente, comparando-se o período arcaico com os períodos subseqüentes, observa-se que a freqüência de ocorrência do complemento [de+infinitivo] decresce com o passar do tempo: de 49,6% no português arcaico para 16,5% no português moderno contemporâneo, e a do complemento [Ø+infinitivo] aumenta de 50,4% no PA para 83,5% no PMC.

Apresentamos na TAB. 2 o total de ocorrências da variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nos cinco períodos da língua.

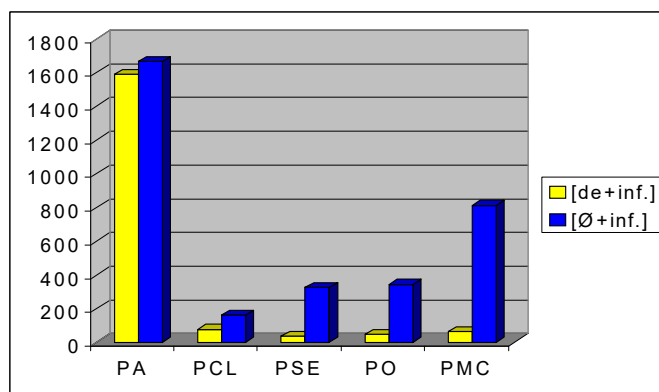
TABELA 2 - Total de ocorrências da variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nas cinco fases da língua

Período	[de+inf.]	%	[Ø+inf.]	%	Total
PA	1580	48,7 %	1667	51,3 %	3247
PCL	78	32,8 %	160	67,2 %	238
PSE	37	10 %	335	90 %	372
PO	46	11,8 %	344	88,2 %	390
PMC	66	7,5 %	810	92,5 %	876
Total	1. 807	35,5 %	3. 316	64,5 %	5. 123

No que tange ao QUADRO da variação presente nos cinco períodos pesquisados, a TAB. 2 permite-nos constatar, em termos quantitativos, o decréscimo da variante preposicionada no PMC em relação ao PA. Levando-se em conta o total de construções em variação, o complemento [de+infinitivo] no PA representa 48,7% e no PMC corresponde a 7,5%. Já o complemento [Ø+infinitivo] se eleva de 51,3% a 92,5%.

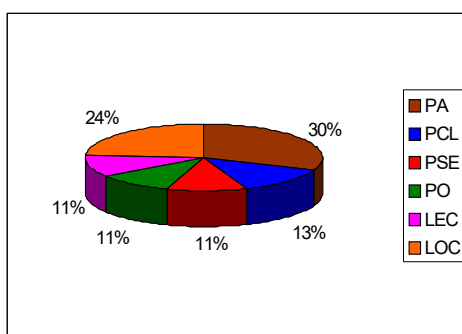
O GRAF. 1 a seguir revela a variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nos cinco períodos pesquisados.

GRAF.1- variação [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] nos cinco períodos pesquisados



Observe-se agora, no gráfico. 2, o percentual dos verbos em variação nos 5 períodos analisados.

GRAF. 2 - percentual do número verbos que admitiram variação [de+infinitivo]~ [Ø+infinitivo] em todos os períodos examinados

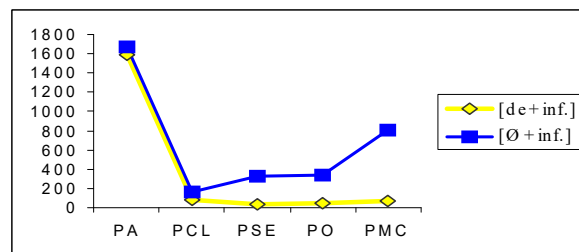


O GRAF. 2 indica que o período arcaico representa o maior percentual de verbos em alternância, isto é, (30%), seguido da modalidade oral contemporânea (LOC) (24%) e período clássico (13%). Já o percentual dos verbos em variação no PSE, PO e LEC (Língua Escrita Contemporânea) correspondem a 11% para cada período.

Os verbos dos períodos pretéritos do português apresentavam maior variabilidade em relação aos períodos mais recentes. No entanto, na modalidade oral contemporânea, essa variabilidade ainda é bastante freqüente, quase se iguala, em termos percentuais, à do período arcaico da língua.

O GRAF. 3 abaixo indica a evolução das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] na história da língua portuguesa.

GRAF. 3 - evolução das estruturas [de+infinitivo] e [Ø+infinitivo] na história da língua portuguesa



O GRAF. 3 indica que as construções nas quais figuram o infinitivo preposicionado diminuem e as construções não preposicionadas aumentam, com o passar do tempo.

Os resultados e as interpretações dos dados levaram-nos a identificar fatores internos imbricados na ocorrência do fenômeno investigado. São eles: *estruturas adjacentes* (ruptores), *classes de verbos*, *tempo verbal*, *modo verbal* e *pessoa gramatical*.

Sobre a adjacência

Os resultados obtidos através da análise do fenômeno da *adjacência/não adjacência* (ruptores) dos verbos listados nos *corpora* comprovaram: a) que ambos, o infinitivo preposicionado e infinitivo não preposicionado ocorrem predominantemente adjacentes ao verbo regente; b) que quando ocorre a não adjacência esta prevalece junto ao infinitivo preposicionado, assim como a adjacência predomina junto ao infinitivo não preposicionado.

Sobre as classes semânticas

A maioria dos autores que tratou da variação infinitiva afirma que esta depende de certos verbos/alguns verbos/determinados verbos. Dentre eles Barreto (1914), Carneiro Ribeiro (1950), Said Ali (1964), Almeida (1965), Maurer Jr. (1968), Dias (1970), Pontes (1973), Bynon (1983), Vitral (1987), Mattos e Silva (1989), Kury (1985), Beth Levin (1993), Madureira (2000), Neves (2000), Bechara (2001).

Levando-se em conta o significado, os resultados obtidos revelam que a quase totalidade dos verbos listados nos *corpora* pesquisados pode ser incluída na classe dos verbos denominados “sensitivos”, expressando *deliberação, modalização, frequência, benefício*, dentre outros. Compartilham ademais, características de “modalidade” e de “auxiliaridade”, sobretudo no período arcaico.

Do ponto de vista semântico, estes verbos compartilham “aspectos modais” e do ponto de vista sintático, compartilham características transitivas. Assim sendo, pode-se propor para essas classes de verbos o rótulo de *transitivo-modais*. Observou-se ao longo do trabalho que esta é a classe verbal que admite a variação do complemento infinitivo.

Sobre o tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical

Após a análise dos verbos nas cinco fases da língua, observou-se que para todos os verbos regentes de complemento infinitivo variável, predominaram o tempo “pretérito” (perfeito e imperfeito), o modo indicativo e a terceira pessoa gramatical (singular/plural). Estes fatores estão presentes tanto nas estruturas [de+infinitivo], quanto nas estruturas [ø+infinitivo].

Os verbos cujos complementos infinitivos são variáveis ao longo da história do português ocorrem preferencialmente no “pretérito” do modo indicativo e na terceira pessoa. Estes fatos comprovam que as classes de verbos, nas quais prevalece o tempo pretérito, a terceira pessoa gramatical e o modo indicativo são mais estáveis com o passar do tempo. Na verdade estes fatores tendem a se manter, mas não os verbos, nos quais ocorrem, pois estes têm comportamento diferenciado ao longo do tempo: alguns desaparecem, outros se mantêm como transitivos, outros se desmodalizam, outros, por

sua vez se auxiliarizam. Mas, geralmente preservam o tempo pretérito, o modo indicativo e a terceira pessoa gramatical, nas construções de complementação infinitiva.

Os resultados parecem confirmar o que Manczak (1963) propõe como “tendências gerais do desenvolvimento morfológico”, segundo transformações analógicas. Este autor afirma que o tempo pretérito é mais resistente às mudanças que outros tempos, que as formas de terceira pessoa suportam menos mudanças analógicas que outras pessoas gramaticais e que o modo indicativo, por sua vez, é, também, menos submisso à mudança em relação aos outros modos.

Embora não estejamos aqui tratando especificamente de casos de analogia, a persistência de um mesmo tempo verbal, modo verbal e pessoa gramatical ao longo da história do português, nas construções infinitivas, certamente caracterizam este tipo de estrutura [de+infinitivo]~[Ø+infinitivo] e revelam uma certa rigidez morfossintática.

Considerações finais

De acordo com a análise seriada dos verbos cujos complementos admitem variação, foi possível constatar que, em termos estruturais, o complemento infinitivo variável existe em cada uma das fases da língua. No entanto, este não ocorre com o mesmo tipo de verbo. Postula-se, então, que a variação estrutural está condicionada à determinada classe de verbos que, do ponto de vista sintático, podem ser usados como transitivos e do ponto de vista semântico, pertencem à classe dos chamados verbos “sensitivos”, aqui denominados *transitivo-modais*.

Dentre os fatores estruturais contemplados, observou-se que o fenômeno da adjacência/não adjacência está imbricado na relação da complementação infinitiva nas cinco fases da língua portuguesa. Verificou-se que o complemento infinitivo, seja preposicionado, seja não preposicionado ocorre predominantemente contíguo ao verbo regente. No entanto, quando o complemento infinitivo não está adjacente, nas fases mais remotas da língua, prevalecem as estruturas nas quais figuram os complementos preposicionados. Já as estruturas não preposicionadas, por sua vez, ocorrem adjacentes aos verbos regentes. Significa dizer que [de+infinitivo] correlaciona-se a não adjacência, assim como [Ø+infinitivo] correlaciona-se a adjacência, confirmando a máxima de que “marcas levam a marcas” e “zeros levam a zeros”. (Sherre, 1996).

No que concerne à frequência de ocorrência dos verbos regentes, que admitiram variação, mostrou-se que:

- a) a variante [de+infinitivo] e o número de verbos regentes declina com o passar do tempo;
- b) a variante [Ø+infinitivo] aumenta;
- c) a variação da complementação infinitiva como um todo decresce ao longo do tempo, mas não desaparece.

Observou-se, também, que a regência não é um fenômeno fixo na língua. Ela varia e muda com o passar do tempo. Cada sincronia apresenta uma regência diferente da outra. No período arcaico, o número de verbos que admite variabilidade do complemento infinitivo é maior do que o número de verbos de complemento infinitivo variável no período moderno. Mas, a modalidade oral contemporânea se aproxima das épocas mais remotas. O número de verbos da LOC e o número de verbos do PA são bastante próximos. A nosso ver, isso decorre do fato de a língua escrita do PA apresentar muito mais características de oralidade do que a língua escrita atual. Naquela época, segundo os documentos existentes, escrevia-se como se falava, portanto, a escrita representava, grosso modo, a fala daquela sincronia.

Quanto à classe semântica, verificou-se que a maioria dos verbos que exibe o complemento infinitivo variável pode ser incluída na classe dos “sensitivos”, que por sua vez, subdividem-se em “deliberativos”, “volitivos”, “benefactivos”, dentre outros.

Quanto às inovações, estas também se revelam no léxico. Os verbos *agüentar* [de+infinitivo], *evitar* [de+infinitivo], *inventar* [de+infinitivo], *impedir* [de+infinitivo], *importar* [de+infinitivo], *negar* [de+infinitivo], *proibir* [de+infinitivo], *propor* [de+infinitivo], *recusar* [de+infinitivo], *reprimir* [de+infinitivo], *topar* [de+infinitivo], etc. conservam a estrutura [de+infinitivo] do português arcaico e inovam lexicalmente, já que com estes verbos, o complemento em pauta não aparece no período pretérito da língua. Deve-se fazer notar que esta estrutura sintática que, à primeira vista, parece “sub-standard”, na fase atual revelou-se, segundo os *corpora* consultados, como uma estrutura altamente recorrente na fase arcaica da língua.

Diante de todos os resultados apresentados, e com base na análise observada pode-se comprovar:

- 1) a existência de fenômenos sintáticos variáveis em todas as fases da língua portuguesa;
- 2) que a variabilidade é sistemática e ocorre tanto no presente quanto no passado

3) que a língua dos períodos pretéritos é mais variável que a dos períodos mais recentes;

4) que a variação depende de alguns itens lexicais;

5) que a regência não é um fenômeno fixo na língua;

6) que a preposição *de* é altamente produtiva no sistema;

7) que nem sempre a variante mais recorrente permanece;

8) que a variação se processa gradualmente;

9) que a mudança se dá em ritmos diferentes;

10) que o complemento é selecionado segundo a classe verbal.

De tudo que foi dito não há como deixar de reconhecer a importância das análises descritivas que privilegiam os períodos pretéritos da língua, sobretudo aqueles mais remotos no tempo, pois é aí que se observam muitos fatos que justificam fenômenos lingüísticos que são à primeira vista, estigmatizados na língua hodierna, especialmente na modalidade oral.

Apresentamos uma análise que teve como objetivo descrever e sistematizar a variação do complemento [de+infinitivo]~[ø+infinitivo] dos verbos **transitivo-modais** em cinco períodos da língua portuguesa. Isso só foi possível por termos trabalhado com dados históricos empíricos que configuraram na medida das limitações inerentes a toda pesquisa histórica, um *corpus* coerente, condição *sine qua non* para toda a discussão apresentada ao longo do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Napoleão Mendes de. 1965. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva.

Atkins, S. *et al.* 1992. Corpus design criteria. In: *Literary and Linguistic Computing*, 7: 1-16.

Barreto, Mário. 1914. *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*. Coleção de Artigos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Bechara, Evanildo. 2001. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucena.

Berber Sardinha, A P. 2000. Padrões Lexicais e colocações do português In: *Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática*. D.E.L.T.A, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367.

Bynon, Theodora. 1983. *Historical Linguistics*. London: Cambridge University Press.

Carneiro Ribeiro, Ernesto. 1950. *Serões Grammaticaes ou Nova grammatica Portugueza*. Salvador: Livraria Progresso Editora Aguiar & Souza LTDA.

Dias, Augusto Epiphânio da Silva. 1970. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 5ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Kury, Adriano Da Gama. 1985. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática.

Labov, William. 1972a. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____. 1972c. On the Use of the Presente to explain the Past. In: HAIMAN, L. (Org.). *The Eleventh International Congress of Linguistics*. Florence, 2: 825-851.

_____. 1995. *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Oxford: Blackwell.

Leal, Maria Auxiliadora da Fonseca. 2002. Sobre a história dos infinitivos introduzidos por *de* no português mineiro. In: COHEN, Maria Antonieta M. & RAMOS, J (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, Cap.1,11-30.

Levin, Beth. 1993. *English Verb Classes and Alternations*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

Madureira, Evelyne Dogliani. 2000. *Difusão Lexical e Mudanças Sintático-Semânticas: os verbos psicológicos*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Mańczak, Witold. 1963. Tendances Générales du développement morphologique. *Lingua* 12 pp. 19-38.

Mattos E Silva, Rosa Virgínia. 1989. *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Maurer JR., T.H. 1968. *O infinitivo Flexionado Português*. São Paulo: CIA Editora Nacional.

Milroy, James. 1992. *Linguistic Variation And Change. On The Historical Sociolinguistics Of English*. GB: Blackwell.

Neves, M.H.M. 2000. *Gramática De Usos Do Português*. São Paulo: UNESP.

Pontes, Eunice. 1973. *Verbos Auxiliares Em Português*. Petrópolis: Vozes.

Said ALI, M. 1964. *Gramática Histórica Da Língua Portuguesa*. 3ª Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos.

Scherre; Silva (Org.). 1996. Padrões Sociolinguísticos: Análise De Fenômenos Variáveis Do Português Falado Na Cidade Do Rio De Janeiro, *Tempo Brasileiro*, P. 85-117.

Sinclair, John. 1991. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.

_____. 1995. From Theory To Practice. In: G. LEECH *Et Al.* (Org.). *Spoken English On Computer – Transcription, Mark-Up And Application*. London: Longman.

Weinreich, U.; Labov, W & Herzog, M. 1968. Empirical Foundations For A Theory Of Language Change In: Lehmann, W. P. & Malkiel, J. (Orgs.). *Directions For Historical Linguistics*, Austin, University Of Texas Press.

Tarallo, Fernando Luiz. 1983. *Relativization Strategies In Brazilian Portuguese*. Ph.D Dissertation. Philadelphia, University Of Pennsylvania.

_____. 1986. *A Pesquisa Sociolinguística*. 2ª Edição. São Paulo: Ática.

Vital, Lorenzo. 1987. *Sobre A Complementação Infinitiva Em Português*. Dissertação (Mestrado Em Linguística) - Faculdade De Letras, Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte.

